

Concordância em construções copulares do português brasileiro

(Agreement in Brazilian Portuguese copular sentences)

Patrícia Rodrigues¹, Maria José Foltran²

^{1,2}Universidade Federal do Paraná (UFPR)

rodriguespatriciaa@gmail.com, mariajose.foltran@gmail.com

Abstract: This work is concerned with copular clauses in Brazilian Portuguese like *Mulher(es) é complicado*, in which the predicate exhibits an unmarked form for gender and number (masculine singular), in spite of the feminine and/or plural form of the noun in the subject constituent. We reject the analyses that propose (i) there is a hidden infinitive in the subject position, (ii) the agreement is an instance of semantic agreement, and (iii) the DP subject would be in an A-bar position. We argue that the subject is a nominal that lacks index features, used in the external agreement (WECHSLER, 2011; DANON, 2012; DUEK, 2012; FOLTRAN; RODRIGUES, 2013).

Keywords: agreement; bare nominal; copula.

Resumo: Este trabalho examina construções copulares do português brasileiro (PB) como *Mulher(es) é complicado*, cujo predicado exibe uma forma não marcada para gênero e número (masculino singular), apesar da forma feminina e/ou plural do nome na posição de sujeito. Argumenta-se contra as análises que propõem (i) uma oração infinitiva resumida na posição de sujeito, (ii) concordância semântica e (iii) o sujeito em posição A-barra e assume-se que o sujeito é um nominal que não contém traços phi especiais (Index features) valorados externamente ao sintagma (WECHSLER, 2011; DANON, 2012; DUEK, 2012; FOLTRAN; RODRIGUES, 2013).

Palavras-chave: concordância; nominal nu; cópula.

Introdução

Este trabalho examina construções copulares do português brasileiro (PB) cujo predicado exibe uma forma não marcada para gênero e número (masculino singular), apesar da forma feminina e/ou plural do nome na posição de sujeito. Tipicamente, esse nome é um sintagma sem determinante. O adjetivo nessas sentenças é interpretado como predicado de uma situação: o significado de (1a), por exemplo, é de que situações envolvendo mulher são complicadas. É interessante observar que, se o nome for modificado por um adjetivo, a concordância entre esse adjetivo e o nome acontece normalmente (2).

- (1) a. Mulher é complicado.
b. Crianças é divertido.
c. Cem convidados é chato.
- (2) a. Mulher executiva é complicado.
b. Crianças peraltas é divertido.
c. Cem convidados mal-educados é chato.

Sentenças copulares desse tipo, em que há uma discrepância na concordância sujeito-predicado, também são observadas nas línguas eslavas, escandinavas e em hebraico. A concordância *default* do adjetivo foi explicada de diferentes maneiras: (i) o sujeito seria uma oração infinitiva resumida (cf. Faarlund (1977), para o norueguês; e Martin (1975), para o português); (ii) a concordância é semântica e não ocorreria nos casos em que o sujeito ocupa uma posição baixa em uma escala de individuação (cf. Enger (2004), para as línguas escandinavas); (iii) o nominal nu estaria numa posição A-barra e, por isso, a concordância não seria desencadeada (cf. sugestão de Danon (2012), para o hebraico); (iv) o nominal em posição de sujeito não apresenta os traços phi necessários à concordância externa ao sintagma (WECHSLER; ZLATIC, 2003; DANON, 2012; DUEK, 2012; FOLTRAN; RODRIGUES, 2013).

Este trabalho argumenta contra as três primeiras análises e se alinha com a última análise mencionada, propondo que a concordância *default* observada nas sentenças em (1) pode ser explicada pela ausência de traços phi necessários à concordância sujeito-predicado. Adota-se assim a hipótese de que os nominais possuem dois conjuntos de traços phi, os traços phi *Index*, que são necessários para a concordância externa ao sintagma, e os traços phi *Concord*, que são responsáveis pela concordância interna (WECHSLER; ZLATIC, 2003). Mais especificamente, defendemos que, nos sintagmas em (1), não ocorre a valoração dos traços phi *Index*; dessa forma, a concordância no predicado não seria disparada. A concordância interna, ao contrário, pode ocorrer, porque os traços *Concord* são valorados lexicalmente.

Este artigo está estruturado como segue: na primeira seção, discutimos as principais características das construções em (1); na segunda seção, argumentamos contra as três primeiras análises citadas acima, mostrando que (i) os sujeitos das sentenças em (1) não têm a distribuição de uma oração infinitiva, o que seria esperado se eles fossem uma infinitiva resumida; (ii) os sujeitos das sentenças em (1) ocupam uma posição alta na escala de individuação proposta por Enger (2004), e, ainda assim, não disparam concordância; (iii) a construção com concordância neutra pode ser observada em contextos reconhecidos como *small clauses*, o que, em princípio, eliminaria a possibilidade de propor que seu sujeito ocupa uma posição A-barra. Na terceira seção, discutimos a hipótese de Duek (2012), para o PB, e Danon (2012), para o hebraico; argumentaremos que a hipótese de Duek apresenta problemas de adequação empírica. Mesmo assim, o trabalho contribui para a análise desses nominais, na medida em que assume a existência de traços phi diferentes para a concordância interna e externa. O trabalho de Danon (2012) vai na mesma direção. Para sustentar nossos argumentos, revisaremos os estudos sobre nominais nus em PB (MÜLLER, 2002; PIRES DE OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2011; SCHMITT; MUNN, 2002; DOBROVIE-SORIN; PIRES DE OLIVEIRA, 2008). Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

Construções copulares em PB sem concordância

As sentenças em (1), repetidas abaixo por conveniência, podem apresentar uma contraparte em que o adjetivo concorda com o nominal na posição de sujeito, como em (3). Além das diferenças morfológicas, as sentenças em (1) e em (3) apresentam diferentes interpretações. Em (3), casos com concordância, o adjetivo é um predicado de “indivíduo”,

enquanto em (1), casos sem concordância, o adjetivo é interpretado como um predicado de “situação”. Como visto na introdução, a sentença (1a) significa que situações envolvendo mulher são complicadas. As sentenças (1b-c) podem ser parafraseadas da mesma forma.

- (1) a. Mulher é complicado.
b. Crianças é divertido.
c. Cem convidados é chato.
- (3) a. Mulher é complicada.
b. Crianças são divertidas.
c. Cem convidados são chatos.

Esses dois tipos de construções são possíveis, porque os adjetivos *complicado*, *divertido* e *chato* selecionam tanto situações como indivíduos. Nos casos de adjetivos que predicam unicamente de indivíduos, como *vaidoso*, *bagunceiro* ou *magro*, a concordância é obrigatória, como se pode ver em (4-5). Dito de outra forma, como esses adjetivos não podem ser predicados de situação, a forma neutra é impossível. Inversamente, se aceitamos que alguns adjetivos, como *inconcebível*, podem predicar somente de uma situação, as construções com concordância seriam impossíveis (6).

- (4) a. *Mulher é vaidoso.
b. *Crianças é bagunceiro.
c. *Cem convidados é magro.
- (5) a. Mulher é vaidosa.
b. Crianças são bagunceiras.
c. Cem convidados são magros.
- (6) a. *Crianças são inconcebíveis.
b. Crianças é inconcebível.

A principal característica dessas construções copulares em que o adjetivo aparece na forma neutra é que o sujeito deve ser um nominal nu, como em (1a-b), ou um nominal quantificado sem determinante, como em (1c). No caso de (1c), a única leitura obtida é a “coletiva”, e não a leitura “específica”. Ou seja, a situação de se ter cem convidados é chata, e não cem convidados específicos são chatos. Para obtenção dessa última leitura, deve haver concordância (3c).

É possível, então, observar, nessas construções, restrições contra sujeitos definidos (7), e também contra outros tipos de indefinidos (8).

- (7) a. *A mulher é complicado.
b. *Ela é complicado.
c. *Maria é complicado.
- (8) a. *Uma mulher é complicado
b. *Uma mulher que eu conheço é complicado.

Na sequência, revisamos algumas análises propostas para fatos linguísticos similares, mostramos a inadequação de algumas delas e assumimos uma análise baseada em traços *phi* para explicar a peculiaridade dessas construções.

Contra a análise de oração infinitiva resumida

A principal ideia por trás da análise de infinitiva resumida é que o sujeito em sentenças como as apresentadas em (1) podem ser parafraseadas por uma oração infinitiva, como em (9).

- (9) a. Lidar com mulher é complicado.
b. Cuidar de crianças é divertido.
c. Receber cem convidados é chato.

A postulação de uma oração infinitiva subjacente aos sujeitos em (1) permitiria explicar mais facilmente os fatos de concordância observados: a aparente falta de concordância se seguiria do fato de que o predicado apresenta, na verdade, concordância com um sujeito oracional. Essa análise, no entanto, não permitiria explicar algumas restrições observadas nessas construções.

Em primeiro lugar, essa análise não explicaria por que as sentenças que apresentam ausência de concordância se restringem a orações com nominais sem determinante na posição de sujeito. Sentenças como (10a), que apresentam um sujeito definido, não são possíveis com o adjetivo predicativo na forma neutra. No entanto, a sentença em que a infinitiva é explicitada é perfeitamente possível (10b).

- (10) a. *Minha mulher é divertido.
b. Beijar minha mulher é divertido.

Outro argumento consiste na observação de Wechsler (2011) sobre as sentenças das línguas escandinavas conhecidas como sentenças ‘pancake’, como (11). Segundo o autor, essa análise faria a predição equivocada de que o sintagma nominal sujeito das sentenças ‘pancake’ teria a mesma distribuição de uma oração infinitiva. Ele mostra que o sujeito dessas sentenças não pode ser extraposto como é o caso das sentenças infinitivas. É o que se pode observar nos exemplos do PB em (12-13)

- (11) Pannekaker er godt.
panquecas_{PL} é bom_{NEUT/SING}
‘Panquecas é bom’
- (12) *É divertido crianças pequenas.
- (13) a. Cuidar de crianças pequenas é divertido.
b. É divertido cuidar de crianças pequenas.

Outra evidência foi proposta por Hellan (1986 apud DANON, 2012): se adicionamos um complemento ao predicado, a paráfrase com a infinitiva é impossível.

- (14) Água mineral é bom para lavar o cabelo.

Esses fatos são evidências contra a análise que postula um infinitivo escondido na posição de sujeito dessas sentenças.

Contra a concordância semântica

Enger (2004) afirma que o uso da forma neutra nas sentenças ‘pancake’ das línguas escandinavas é uma manifestação de concordância semântica. Ele recupera a ideia tradicional de que sujeitos nesses tipos de sentenças referem-se a proposições e sugere uma análise ligeiramente diferente: esses sujeitos apresentam um baixo grau de individuação, ou seja, eles não se comportam como sujeitos prototípicos – proto-agentes, na linha de Dowty (1991). De acordo com essa análise, sujeitos agentivos disparam concordância sintática. Segundo Enger, os nomes nas sentenças ‘pancake’ são normalmente não animados, e se eles parecem animados, não serão tipicamente interpretados como tal. Assim, eles possuem um potencial baixo para agentividade, e conseqüentemente não disparam concordância sintática. Enger assume o *continuum* de individuação proposto por Sasse (1993), uma variante notacional da mais familiar hierarquia de animacidade.

← Nome próprio Humanos Animais Coisas concretas inanimadas Nomes de massa abstratos →

A ideia é que as sentenças ‘pancake’ são obtidas quando sintagmas nominais com referentes que apresentam baixo grau de individuação são usados como sujeito. Assim, sujeitos típicos nas sentenças ‘pancake’ seriam nomes que se referem a seres inanimados, nomes abstratos e nomes de massa. No entanto, os sujeitos das sentenças em (1), assim como os das sentenças em (15), ocupam uma posição alta na escala de individuação proposta por Enger (2004) e não disparam concordância. Dessa forma, rejeitamos a proposta do autor de que a concordância ocorre por razões semânticas e assumimos que a concordância é sintática.

- (15) a. Vaca é sagrado.
b. Cobra é perigoso.

Contra a análise do nominal em posição A-barra

Danon (2012), em estudo sobre as sentenças do hebraico com a cópula *ze*, que não apresentam concordância (16)¹, discute uma análise em que *ze* seria de fato o sujeito pronominal da sentença e o nominal ocuparia uma posição A-barra, à esquerda, como em (17).

- (16) yeladim ze macxik / *macxikim.
children-_{M-P} copula_{M-S} funny_{M-S} / funny_{M-P}
‘Something (contextually-determined) involving children is funny’.

- (17) DP_i [_{TP} ze_i Pred]

Danon rejeita essa análise com base em alguns fatos do hebraico. Por exemplo, *ze* como pronome é normalmente restrito a referentes não humanos e inanimados, e isso não seria compatível com sentenças como (16). Ainda, se *ze* fosse apenas o sujeito, precedido de um tópico deslocado à esquerda, isso não explicaria por que a presença de *ze* é limitada a orações no presente. Como último argumento, Danon cita as sentenças ‘pancake’ das línguas escandinavas, que não envolvem a presença de nada que possa ocupar a posição de sujeito, caso o nome seja analisado como um elemento deslocado à esquerda. Uma análise semelhante a essa é a que se propõe para as sentenças copulares identificacionais do francês, como em (18).

¹ O estudo de Danon (2012) será apresentado na próxima seção do artigo.

(18) Le problème c'est sa cravate. (ROY, 2013, p. 9)

No caso do PB, não é muito simples rejeitar essa análise, porque vários estudos consideram que essa é uma língua de tópico proeminente e de sujeito nulo. Assim, uma possível análise para as sentenças em (1) seria a estrutura em (19).

(19) DP_i [_{TP} pro_i Pred]

Uma objeção a essa análise, levantada por Danon (2012), diz respeito ao fato de os nominais dessas sentenças serem interpretados como se referindo a situações. O nominal em uma posição deslocada à esquerda na sentença e um pronome nulo na posição de sujeito explicariam a ausência de concordância, mas não explicariam a leitura obtida.

Danon objeta ainda que sentenças com deslocamento à esquerda são distintas das sentenças com a cópula *ze* em relação à ordem das palavras, mostrando que, quando um movimento *Wh* é aplicado a uma sentença com a cópula *ze*, o constituinte *Wh* precede o DP (20).

- (20) a. nemerim ze mafxid me'od.
tigers-M-P ZE-M-S scary-M-S very
'Tigers are very scary'
- b. ad kama_i nemerim ze mafxid t_i?
to what extent tigers-M-P ZE-M-S scary-M-S
'To what extent are tigers scary?'

Em PB, é possível observar o mesmo fenômeno. O exemplo em (21b) mostra que o sintagma *Wh* precede o nominal nu *criança* em uma interrogativa. Isso não significa, no entanto, que o nominal nu não possa ocupar uma posição deslocada à esquerda, como mostra o exemplo (21c). Nesses casos, vale notar que o sujeito é substituído pelo pronome *isso*, e não por *ela* ou *elas*, como seria de se esperar se a denotação de *criança* nesse caso fosse um indivíduo.

- (21) a. Criança é divertido nos finais de semana.
b. Quando que criança é divertido?
c. Criança, quando que isso é divertido?

Outro fato que permitiria em princípio descartar a análise de um DP em posição de tópico é ilustrado na sentença em (22). Nessa sentença, a predicação “mulher complicado” aparece como complemento do verbo “considerar”, um contexto tradicionalmente aceito como o de uma *small clause*. As análises da estrutura das *small clauses* complementos de “considerar” variam, mas aparentemente uma posição para abrigar um tópico não estaria disponível nessas construções (23).

(22) Pedro considera mulher complicado.

(23) *Pedro considera a Maria, ela inteligente.

Nesta seção, discutimos três análises propostas na literatura para explicar a concordância *default* do adjetivo em construções copulares e apresentamos evidências empíricas e teóricas que mostram que elas não são adequadas para explicar os dados examinados. Na próxima seção, apresentamos uma análise compatível com a assunção de que os sujeitos em (1) são sintagmas que não desencadeiam concordância externa.

Ausência de traços-phi *Index*

Diversos trabalhos sobre concordância híbrida e concordância *default* adotam a hipótese de que os nomes carregam dois conjuntos de traços-phi, os traços-phi *Index* e os traços-phi *Concord*, sistematizados na HPSG por Wechsler e Zlatic (2003), com base em Pollard e Sag (1994) e Kathol (1999). De modo geral, os traços *Concord* são entendidos como traços ligados a propriedades gramaticais do nome e os traços *Index*, com as propriedades semânticas, essencialmente a referencialidade. Traços *Concord* estariam então relacionados à concordância interna ao sintagma que abriga o nome e traços *Index*, à concordância sujeito-predicado.

Examinaremos nesta seção, primeiramente, dois estudos que se propõem a explicar casos de concordância *default* em construções copulares com base nessa distinção de traços: Duek (2012), para o PB, e Danon (2012), para o hebraico. Em seguida, explicitaremos a análise adotada neste trabalho. Veremos que a proposta assumida consegue dar conta dos fatos de concordância no nível sintático. Para embasar nossa proposta discutiremos algumas das análises sobre nominais nus em PB.

Duek (2012)

Duek (2012) considera somente as sentenças do PB com singular nu na posição de sujeito. Os exemplos relevantes de seu estudo estão em (24). A autora propõe uma análise baseada na distinção entre o singular nu com gênero natural, como *atriz*, e o singular nu com gênero arbitrário, como *maçã*. Para ela, a ausência de concordância somente é observada (e necessária) quando o singular nu possui um gênero arbitrário.

- (24) a. *Atriz* é vaidosa/*vaidoso.
b. *Maçã* é gostoso/*gostosa.

Duek (2012) assume que o sistema de gênero das línguas românicas marca duas distinções: uma entre-kinds, diferenciando kinds com gênero natural de kinds sem gênero natural (assinalados com um gênero arbitrário) e outra intra-kind, no caso dos kinds com gênero natural, que realiza uma distinção relacionada ao sexo feminino ou masculino das instâncias do kind.

Para explicar os padrões de concordância de (24), a autora propõe que adjetivos predicativos concordam com o conjunto de traços *Index* do NP – esses traços, valorados, codificam a capacidade de o NP referir indivíduos que realizam um kind. Dito de outra forma, os traços-phi *Index* tornam-se disponíveis quando o kind é realizado por meio de funções de instanciação. O gênero natural seria uma função desse tipo, uma função de kinds ao conjunto de instanciações daquele kind que tem a propriedade “fêmea” ou que não tem a propriedade “fêmea”; é um traço sobre o categorizador *n* que se aplica à raiz nominalizada. Já o gênero arbitrário é um traço da raiz, determinado no léxico – em nomes baixos na escala de individuação, o gênero não marca uma distinção intra-kind (o valor dos traços não é predizível). Dessa forma, o NP com gênero natural tem um traço *Index* de gênero valorado, dada a contribuição semântica do gênero nesse caso. O NP pode então se referir a um conjunto de realizações do kind, mas não a uma instância específica, porque o número ainda está subespecificado (o domínio do objeto depende da presença de número). Duek especifica que o traço *Index* de gênero, além de controlar a concordância, controla também PRO e ligação de anáforas.

O principal problema do trabalho de Duek (2012) é que ele está assentado em uma base empírica precária, pois as sentenças em (25) e em (26) são possíveis, escapando à generalização proposta pela autora. Em (25), os nomes têm gênero arbitrário, e ainda assim a concordância com o adjetivo predicativo acontece. Em (26), ao contrário, os nomes têm gênero natural e a concordância com o adjetivo predicativo não acontece.

- (25) a. Moqueca é apimentada.
 b. Melancia é suculenta / vermelha / redonda.
 c. Manga é benéfica para o controle do diabetes.
 d. Grama é escorregadia.
 e. Maçã é gostosa com casca.
 f. Maçã é mais ácida que pera.
- (26) a. Atriz é complicado.
 b. Menina é divertido.

Gostaríamos de salientar, ainda, que Duek (2012) não considera o papel do adjetivo predicativo nessas construções. Nós especificamos na introdução deste artigo que, nas sentenças copulares que apresentam discrepância na concordância, o predicado é interpretado como predicado de uma situação. Em (26), por exemplo, a interpretação que se tem é que alguma situação envolvendo atriz ou menina é complicada ou divertida. A concordância deve acontecer quando o adjetivo é um predicado de indivíduo. Assim, no exemplo de Duek em (24a), a agramaticalidade de *atriz é vaidoso* se deve ao fato de *vaidoso* não ser um predicado de situação, mas sim de indivíduo. Já a agramaticalidade de *Maçã é gostosa* em (24b) pode ser questionada se observarmos os exemplos em (25e-f). Além disso, Duek (2012) não considera exemplos como (1b-c), com o plural nu e com um sintagma quantificado sem determinante na posição de sujeito. De acordo com a proposta da autora, só a sentença com concordância seria possível nesses casos, porque além dos nomes apresentarem gênero natural, instanciando um conjunto de instanciações do kind, o traço ‘número’ instanciará indivíduos específicos.

Tomando-se em consideração essa discussão, concluímos que uma diferenciação entre nomes com gênero natural e com gênero arbitrário não é pertinente na explicação dos dados em questão neste trabalho.

Danon (2012)

O estudo de Danon (2012) investiga as construções copulares sem concordância em hebraico que envolvem a cópula *ze*. O autor explica que, entre os diferentes tipos de cópula em hebraico moderno, há dois tipos de cópula pronominal que são usadas em orações sem verbo, no presente: i) *hu/hi/hem/hen*, que são homófonas do pronome de 3ª pessoa, e que concordam em número e gênero com o sujeito (27); e ii) *ze/zot/ele*, que são homófonas do demonstrativo e que nunca concordam com o sujeito (28).

- (27) yeladim hem macxikim /*macxik.
 children-M-P copula-M-P funny-M-P/ funny-M-S
 ‘Children are funny.’

- (28) yeladim ze macxik / *macxikim.
 children-M-P copula-M-S funny-M-S / funny-M-P
 ‘Something (contextually-determined) involving children is funny.’

A sentença em (27) possui uma interpretação de eventualidade elíptica, ou seja, o predicado se aplica a uma eventualidade entendida como relacionada ao sujeito explícito, e não à denotação literal do sujeito, como em (24). Danon (2012) aponta também outra possível interpretação para sentenças com a cópula *ze*: a sentença em (29) teria o que ele chama de “interpretação de classificação” - nesse caso, o sujeito é interpretado como estando de alguma forma relacionado a um formulário vermelho.

- (29) tlunot ze tofes adom.
 complaints-FEM/PL copula-M.S form-MASC/SING red-MASC/SING
 ‘Complaints (should) involve a red form.’

Além disso, Danon (2012) observa que os sujeitos das orações com cópula *ze* podem ser genéricas (30), indefinidas não específicas (31) ou definidas referenciais (32).

- (30) nemerim (ba-bayit) ze nexmad.
 tigers-M-P in-the-house ZE-M-S nice-M-S
 ‘(Having/dealing with) tigers (at home) is nice.’
- (31) šney orxim ze me’acben.
 two guests-M-P ZE-M-S good-M-S
 ‘(Having) two guests is annoying.’
- (32) ha-bibliyografya ze tov
 the-bibliography-F-S ZE-M-S good-M-S
 (Having/doing) the bibliography is good.’

Para o autor, as orações com cópula *ze*, mesmo que suas interpretações sejam distintas, devem ter uma explicação unificada. Ele enfatiza que essas sentenças não são na verdade predicacionais, já que o predicado não se aplica de fato ao sujeito. A questão que ele formula é como a sintaxe das orações com a cópula *ze* estaria relacionada com as interpretações semânticas observadas, já que é impossível para a operação de concordância provocar qualquer espécie de efeito semântico. Para ele, deve haver um fator independente responsável tanto pela concordância divergente quanto pelos efeitos semânticos. Ele afirma que esse fator é a ausência de traços interpretáveis no sujeito, e que isso poderia acontecer somente com sujeitos não temáticos.

Danon (2012) sugere que duas abordagens poderiam ser postuladas para dar conta dessa ausência de traços interpretáveis no sujeito. Uma seria presumir que o DP é constituído de múltiplos níveis, cada um com seu próprio conjunto de traços, e que, nas sentenças com a cópula *ze*, D não possuiria traços que tornariam o DP visível à concordância externa. A outra abordagem seria assumir a distinção entre traços *Index* e *Concord*. Os sujeitos das orações com cópula *ze* possuiriam os traços *Concord*, mas não os traços *Index*. Para Danon (2012), essas duas abordagens capturam a ideia de que o sujeito da oração com cópula *ze* é defectivo com relação aos traços de concordância, e, em seu trabalho, ele utiliza o termo INDEX para se referir às duas propostas. Ele conclui que a ausência dos

traços *Index* faz com que o sujeito não seja marcado como um argumento. Esse sujeito seria então um predicado, e a sentença seria interpretada como resultado da relação entre dois predicados. Para explicar a leitura de eventualidade elíptica, Danon (2012, p. 105) propõe que ela é “the result of shifting the denotation of the subject to a contextually determined property P related to the overt nominal”.

Com base na análise de Danon (2012), assumimos que o sintagma nominal dispõe de diferentes camadas, cada uma com um conjunto de traços de concordância responsáveis pela concordância interna e externa. Os traços de concordância interna (*Concord*) são sempre valorados. No caso das sentenças em (1), isso não acontece com os traços de concordância externa (*Index*): por não serem valorados, o sintagma nominal na posição de sujeito não desencadeia concordância e o predicado aparece na forma neutra ou default.

A análise em andamento

A análise de Danon (2012), complementada pela análise de Duek (2012), com as adequações já comentadas, permite-nos explicar os fatos linguísticos sob análise sem a necessidade de apelar para categorias semânticas peculiares, a fim de justificar efeitos sintáticos. Assim, podemos dizer que a concordância neutra se dá por questões estritamente sintáticas e, nesses casos, há um efeito semântico: o predicado não se refere a indivíduos, mas a situações.

Fica ainda pendente na nossa análise o estatuto do sintagma nominal capaz de gerar esse efeito de concordância. Pelos exemplos analisados, somente o singular nu, o plural nu e sintagmas quantificados (nesses casos a predicação se dá sobre o conjunto apenas, sem permitir a leitura distributiva) podem figurar nesse tipo de construção. A questão que ainda precisamos responder é: por que apenas esses nominais permitem uma leitura de situação?

Os trabalhos sobre nominais nus em PB divergem em suas análises. Particularmente, no caso do singular nu não há consenso sobre sua estrutura sintática nem sobre a sua semântica. Podemos identificar na literatura duas linhas de análise: uma que assume que esses sintagmas denotam kinds, constituindo DPs com D nulo sendo neutros para número (PIRES DE OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2011; SCHMITT; MUNN, 2002; DOBROVIE-SORIN; PIRES DE OLIVEIRA, 2008) e outra que postula posição oposta, ou seja, eles não denotam kinds e ocupam posição não argumental (MÜLLER, 2002). Para Müller (2002), o singular nu é um indefinido no sentido de Heim (1982) e, portanto, tem uma variável para ser ligada, denotando um conjunto de indivíduos. Temos aí, de qualquer forma, uma predicação sobre indivíduos. Nas análises revisadas por nós, os autores só trabalham com exemplos em que a concordância é desencadeada. Exemplos sem concordância, como os que apresentamos em (1), não são considerados.

Entendemos que esses exemplos podem trazer contribuições para o estudo dos nominais nus. São construções diferentes, que não disparam concordância, e a predicação é entendida como predicação sobre situação, ou seja, não é interpretada nem como uma predicação sobre um kind nem como uma predicação sobre um conjunto de indivíduos. Nossa intuição é que estamos diante de um nominal nu com propriedades semânticas específicas e isso precisa ser mais bem explicado pelas teorias semânticas.

Conclusão

Neste artigo analisamos as construções em (1), sentenças copulares sem concordância, que têm na posição de sujeito um sintagma nominal que é interpretado como sendo uma situação. Analisamos a literatura sobre o assunto e encontramos, nas línguas escandinavas e no hebraico, fatos linguísticos que se assemelham muito aos fatos recorridos por este trabalho.

Avaliando as análises apresentadas para as outras línguas, descartamos algumas delas, como as que consideram que o sintagma sujeito seria a expressão de uma oração infinitiva resumida, ou que a concordância neutra é desencadeada por fatores semânticos, ou, ainda, que o sintagma nominal estaria deslocado em posição A-barra. Apresentamos argumentos empíricos e teóricos para descartar cada uma dessas análises.

O nosso trabalho se alinha teoricamente com o quadro exposto por Danon (2012) e Duek (2012) em relação à presença de dois conjuntos de traços no nominal sujeito: os que são responsáveis pela concordância interna (*Concord*) e os que são responsáveis pela concordância externa (*Index*). Por algum motivo que ainda precisa ser mais bem explicado, os traços *Index* desses nominais não são valorados e, portanto, a concordância com o predicado não é desencadeada. Essa assunção permite tratar a concordância de modo estritamente sintático, embora reconheçamos que ainda há questões semânticas envolvendo esses nominais que ainda precisam ser explicitadas.

REFERÊNCIAS

DANON, G. Nothing to Agree on? Non-agreeing subjects of copular clauses in Hebrew. *Acta Linguistica Hungarica*, v. 1-2, n. 59, p. 85-108, 2012.

DOBROVIE-SORIN, C.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Reference to kinds in Brazilian Portuguese: definite singulars vs bare singulars. In: GRØNN, Atle (Org.). *Proceedings of SuB 12*. Oslo: University of Oslo, 2008. p. 107-121.

DOWTY, D. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 546-619, 1991.

DUEK, K. *Bare nouns and gender agreement in Brazilian Portuguese*. Paper presented at CLS 48, April 19-21, 2012.

ENGER, H-O. Scandinavian pancake sentences as semantic agreement. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 27, n. 1, p. 5-34, 2004.

FAARLUND, J. T. Embedded clause reduction and Scandinavian gender agreement. *Journal of Linguistics*, v. 13, p. 239-57, 1977.

FOLTRAN, M. J.; RODRIGUES, P. On denoting abstract entities. *Revista da Abralin*, v. 12, n. 1, p. 269-291, 2013.

HEIM, I. *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. 1982. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Massachusetts, Amherst, 1982.

KATHOL, A. Agreement and the syntax-morphology interface in HPSG. In: LEVINE, R.; GREEN, G. (Org.). *Studies in contemporary phrase structure grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 223-274.

MARTIN, J. W. Gênero? *Revista Brasileira de Linguística*. n. 2, p. 3-8, 1975. Disponível em: <<http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/Genero.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

MÜLLER, A. The semantics of generic quantification in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 14, p. 279-298, 2002.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; ROTHSTEIN, S., Bare Singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 121, p. 2153-2175, 2011.

POLLARD, C.; SAG I. *Head-driven phrase structure grammar*. Chicago: CSLI Publications. 1994.

ROY, I. *Nonverbal predication*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

SASSE, H.J. Syntactic categories and subcategories. In: JACOBS, J. et al. (Org.). *Syntax Ein internationalen Handbuchzeitgen össischer Forschung*. Berlin: de Gruyter, 1993. p. 646-686.

SCHMITT, C.; MUNN, A. The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese. *Linguistic Variation Yearbook*, v. 2, p. 253–281. 2002.

WECHSLER, S. *The structure of Swedish pancakes*. Talk given at CSSP 2011, Université Paris 8. 2011. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/wechslerpublications/presentations>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

WECHSLER, S.; ZLATIC, L. *The many faces of agreement*. Stanford: CSLI Publications, 2003.